

VERSÕES ALEMÃS DA BÍBLIA EM COMPARAÇÃO

Apresentação

Teresa Seruya
Universidade de Lisboa
Sociedade Científica

Aceitei o convite da Prof^a Doutora Maria Laura Pires para apresentar o Prof. Doutor Bernardo Jerosch Herold com prontidão, pelo grande gosto que a tarefa me proporcionaria. São já vários anos de convívio com este cidadão português de origem alemã que encontrei em actividades ligadas ao intercâmbio com a Alemanha, em encontros científicos, com amigos comuns, em sua casa, no diálogo inter-religioso e, mais recentemente, no júri do Prémio de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa. Em todas as ocasiões pude apreciar e aproveitar da sua cultura vasta e profunda muito para além da sua Química, do seu saber, sempre envolto em modéstia, do seu gosto por uma boa conversa, do seu sentido do religioso e do seu empenho na comunidade evangélica alemã de Lisboa.

Professor jubilado do Instituto Superior Técnico, onde também se licenciou em Engenharia Química-Industrial, ali ensinou e investigou ao longo de mais de quatro décadas. Doutorou-se pela Universidade de Heidelberg, após o que ascendeu à cátedra no IST. Foi professor convidado em universidades estrangeiras e, em Portugal, colaborou com outras instituições universitárias, como a Universidade Nova de Lisboa. Ao longo do tempo esteve envolvido em diversos projectos de investigação nacionais e internacionais e publicou estudos e artigos em numerosos livros e revistas nacionais e estrangeiros. O seu interesse pela história da ciência levou-o a realizar investigação pioneira na história da Química, assunto que o conduziu também à tradução técnica, onde teve papel de relevo no enriquecimento do vocabulário científico em português. É membro de várias sociedades científicas e academias, entre as quais a Academia das Ciências.

Por tudo isto, o Prof. Bernardo Jerosch Herold revelou-se o orador adequado para tratar das traduções alemãs da Bíblia, verdadeiramente iniciadas pela auspiciosa tradução de Martinho Lutero, o pai do alemão moderno que aprendi a admirar através da sua visão desta notável, ainda que polémica figura do Cristianismo. É com todo o interesse que voltamos a ouvir falar dele e que acolhemos o Bernardo na Universidade Católica.

AS VERSÕES ALEMÃS DA BÍBLIA EM COMPARAÇÃO

Bernardo Jerosch Herold
Universidade Técnica de Lisboa

0. Introdução

A palestra informal em que o presente artigo se baseia não pretendeu ser mais que uma acção de divulgação, destinada a despertar o interesse pelo tema em título, dentro das limitações de uma exposição oral durante uma escassa hora. Não se indicam referências bibliográficas, por a matéria de facto em que o texto se baseia poder ser considerada como do conhecimento comum. A exposição segue em traços gerais uma ordem cronológica, começando com os manuscritos antigos que serviram de base às várias traduções e terminando com a enumeração das traduções alemãs da Bíblia actualmente em uso.

¹ Bernardo Jerosch Herold nasceu 1933 em Lisboa. Frequentou sucessivamente, nesta cidade, a Escola Alemã, a Escola Valsassina, o Liceu de Camões e o Instituto Superior Técnico. Depois de concluir aí o curso de Engenharia Químico-Industrial doutorou-se na Universidade de Heidelberg. Professor Catedrático de Química Orgânica Industrial do Instituto Superior Técnico desde 1962 foi jubilado em 2003. Além da sua actividade docente e de investigação na sua especialidade, procurou, através de leituras e viagens instruir-se sobre assuntos variados de história e cultura. Nos seus últimos anos de docência também leccionou sobre história das ciências, realizando alguma investigação nesse domínio. Como membro da Congregação Evangélica Alemã de Lisboa, exerceu funções no Conselho Congregacional desde 1975, tendo-lhe presidido de 1979 até 1995. Esta congregação, fundada em 1761, um exemplo de diáspora protestante num país de maioria católica, levou-o a interessar-se pela história das relações interconfessionais, internacionais e interculturais, para o que também contribuiu o ambiente bilingue de alemão e português, e o conhecimento de francês e inglês. Traduziu várias obras científicas alemãs e inglesas e presidiu durante vários anos ao júri do prémio de tradução científica da União Latina e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Acompanhou numerosas iniciativas ecuménicas. Assim, participou em 1983 na Universidade Católica Portuguesa no Simpósio por ocasião do 5º centenário do nascimento de Lutero. No ano de 2000 deu uma palestra "Lutero: Contributo para a Fé Cristã", também na Universidade Católica Portuguesa que, posteriormente, foi publicada no livro *Dois Mil Anos: Vidas e Percursos* das Edições Didaskalia. Lisboa 2001.

1. Traduções da Bíblia anteriores ao século XVI (manuscritos)

A história das traduções de textos bíblicos tem origens tão remotas que a própria datação se torna difícil. Assim não se tem a certeza se foi no século III, II ou I a. C. que, segundo a tradição, setenta sábios se reuniram em Alexandria para traduzirem a Bíblia Hebraica para grego koiné (grego comum do período helenístico). Essa tradução (Fig. 1) é conhecida pela designação latina de *Septuaginta* e serviu de texto intermediário em traduções posteriores para outras línguas. Foi o caso da chamada Bíblia de Wulfila (o mesmo que Ulfila) do século IV, uma tradução na língua gótica a partir de textos gregos da *Septuaginta* e do Novo Testamento (Fig. 2). Trata-se da primeira tradução da Bíblia para uma língua germânica. Foi usada pelos godos que eram adeptos da doutrina do arianismo.

Na transição do século IV para o V, São Jerónimo (347-420) (Fig. 3) traduziu em latim a Bíblia Hebraica (com os textos em hebraico e aramaico chamados masoréticos, com origem num grupo de judeus do século VII a X chamados masoretas). Além disso traduziu aqueles textos gregos (chamados deutero-canônicos ou apócrifos) da *Septuaginta* que não fazem parte do cânone definido pelos masoretas para a Bíblia Hebraica. Finalmente também traduziu os do Novo Testamento grego. Esse conjunto viria a constituir a chamada *Vulgata* que substituiu na Igreja Católica Romana, por muitos séculos, as traduções latinas anteriores, que na parte respeitante ao Antigo Testamento tinham tido exclusivamente a *Septuaginta* como texto de partida.

Nos finais do século X uma tradução em vetero-inglês (inglês antigo) foi escrita nas entrelinhas do Evangelário de Lindisfarne (Inglaterra) do século VIII.

Ao longo do século XIV houve um número considerável de tentativas de traduzir a Bíblia em várias línguas nacionais. As mais importantes foram as seguintes: Entre 1382 e 1384 John Wycliffe (1320-1384) traduziu a *Vulgata* em inglês vernáculo. Entre 1390 e 1400 também foi traduzida em alemão, no reinado de Venceslau IV da Boémia (1361- 1419), dando origem à chamada *Wenzelsbibel*.



Fig. 1: Fragmento de um rolo de papiro da *Septuaginta*.

Estas traduções só estavam disponíveis como manuscritos. A sua expansão e impacto ficaram muito aquém das traduções publicadas como livros depois da invenção da impressão.

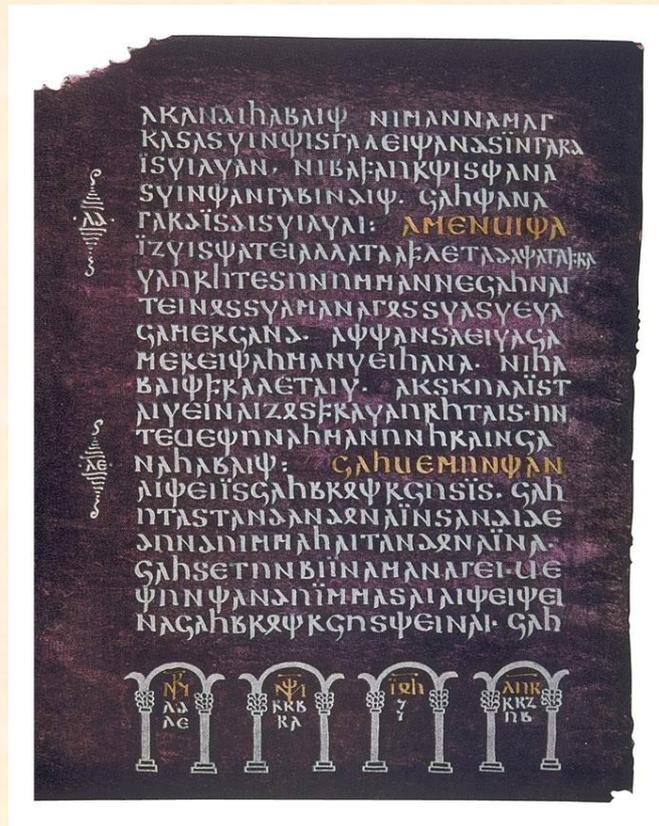


Fig.2: Reprodução de uma página da Bíblia de Wulfila (Fragmento do *Codex argenteum*, conservado na biblioteca da Universidade de Uppsala)



Fig. 3. São Jerónimo tal como Albrecht Dürer (1471-1528) o imaginou no seu escritório.

2. A Reforma nos vários países europeus.

A história das traduções da Bíblia está de tal forma entrosada com a história da Reforma que se torna indispensável recordar aqui as principais datas da mesma. A data, que se tornou simbólica como início da Reforma, é 31 de Outubro de 1517, dia em que Lutero (Martin Luther, 1483-1546) afixou as suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. Aquilo que inicialmente parecia ser apenas um libelo contra o comércio de Indulgências alargou-se a outros aspectos da oposição a um conjunto de doutrinas e práticas da Igreja da época. Em 1521 na Dieta de Worms, Lutero e os seus seguidores foram excomungados e proscritos no Sacro Império (Édito de Worms). Em 1522 Zuínglio (Huldrych Zwingli, 1484-1531) inicia a reforma em Zurique. Em 1529, a segunda dieta de Espira (Speyer) reitera o édito de

Worms, contra os votos de uma minoria de seis príncipes e catorze cidades do Sacro Império Romano-Germânico. O protesto dos representantes que se seguiu à dieta deu origem à designação de “protestantes”. Para conseguir uma união política dos protestantes, o príncipe Filipe, o Magnânimo, de Hessen promoveu, ainda no mesmo ano, um encontro entre Zuínglio e Lutero, o chamado “Colóquio de Marburg”, com a intenção de conseguir um acordo dos dois sobre os seus profundos diferendos doutrinários. Embora ambos se opusessem à doutrina católica sacrificial da Eucaristia, Zuínglio não aceitava, contrariamente a Lutero, a doutrina da presença do corpo de Jesus Cristo na celebração da Santa Ceia e que esta fosse um meio de os crentes receberem a concessão da salvação através da graça de Deus, mas atribuía-lhe apenas o significado do cumprimento de um mandamento de celebrar esse acto sagrado. Foi o ponto de ruptura entre a Igreja Reformada de Zuínglio e mais tarde Calvino por um lado e a Igreja Luterana. O conhecimento das razões desta ruptura é essencial para se compreenderem as diferenças entre as traduções protestantes da Bíblia nas várias línguas.

Em 1534 Henrique VIII da Inglaterra decreta o *Act of Supremacy* com que introduz a reforma em Inglaterra, com uma intenção predominantemente política de independência de Roma. Em 1541, Calvino (Jean Calvin, 1509-1564) inicia a reforma em Genebra, que desejou transformar no centro de irradiação da Reforma no espaço francófono. Em 1555, a rainha Mary Tudor inicia a perseguição sanguinária dos protestantes em Inglaterra. Os protestantes exilados concentraram-se sobretudo em Frankfurt e Genebra, onde fundaram as suas comunidades próprias. Em 1558, Isabel I de Inglaterra restabelece os direitos dos protestantes. Porém não consegue evitar uma tensão crescente entre os bispos e a Rainha por um lado (protestantismo anglicano ou episcopal) e os protestantes reformados, que ficaram conhecidos como “puritanos”. Estes últimos não aceitam a autoridade da Rainha e dos bispos. Em 1561, o parlamento da Escócia institui a “*Kirk*”, igreja reformada de estrutura presbiterial, isto quer dizer não episcopal. John Knox torna-se a figura dominante nessa igreja.

3. O papel da imprensa

Em 1439 Johannes Gutenberg (1398-1468) inventou a impressão com tipos móveis e em 1456 saiu do prelo a Bíblia de Gutenberg, que foi o primeiro texto impresso da Sagrada Escritura. A versão foi a da *Vulgata* Latina.

O sucesso comercial da Bíblia de Gutenberg foi enorme. Embora muito cara, teve imensos compradores. A possibilidade de possuir uma Bíblia era muito restrita, enquanto só havia manuscritos. A possibilidade de ter um exemplar de uma Bíblia em casa era algo completamente inédito. No entanto, nem todos os compradores eram letrados e, entre estes, nem todos sabiam latim. Mas a mera posse de um objeto tão sagrado era algo de muito cobiçado, quer fosse por piedade, quer fosse pelo prestígio. Era natural que o desejo de poder ler a Bíblia na língua mãe crescesse. A descida dos custos de produção de livros tornava a ideia de editar traduções da Bíblia cada vez mais atraente.

4. A influência das edições críticas latina e grega de Erasmo de Roterdão sobre as traduções da Bíblia para línguas modernas. Princípios comuns às principais traduções.

No dealbar do século XVI não foi apenas a Reforma da Igreja que agitou os espíritos dos mais cultos. Os grandes humanistas daquela época também aperfeiçoaram os seus conhecimentos linguísticos e literários. Erasmo de Roterdão (1466-1536) talvez o maior dos humanistas publicou em 1516 uma edição crítica dos melhores manuscritos gregos do Novo Testamento disponíveis na época, cujo conjunto ficou conhecido pela designação de *Textus Receptus*.



Fig. 4. Erasmo de Roterdão (1436 Rotterdam-1562 Basel)

Traduziu o texto grego de novo para latim e assim corrigiu o que considerou como sendo erros de São Jerónimo quando este tinha feito a tradução que passou a fazer parte da *Vulgata*. Embora hoje se conheçam textos gregos de outros manuscritos mais antigos e mais completos, foi o *Textus Receptus* que serviu no século XVI de texto de partida para as traduções do Novo Testamento não só a latina de Erasmo, mas também, posteriormente, por outros autores para as línguas modernas. Essas traduções foram todas fortemente influenciadas pela edição crítica de Erasmo, que se tornou precursor de um novo método de edição.

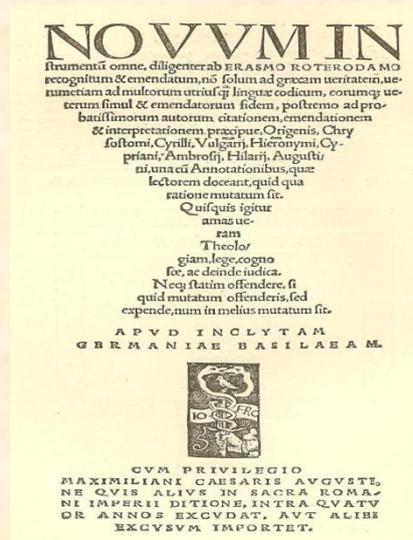


Fig. 5. Edição crítica do Novo Testamento grego por Erasmo de Roterdão em 1516

As principais traduções da Bíblia por protestantes, no século XVI, não só tinham em comum o uso do *Textus Receptus* para o Novo Testamento, como, para o Antigo Testamento, partiram dos textos, uns em língua hebraica e outros em língua aramaica, chamados “masoréticos” da Bíblia Hebraica. Estes textos fazem parte do “cânone judaico” fixado no século I ou II pelo concílio rabínico de Jâmnia. Além destes também foram traduzidos do grego aqueles textos da Septuaginta que não vieram a ser incluídos no cânone judaico no concílio de Jâmnia. Estes textos têm sido designados por “deuterocanônicos” (na terminologia da Igreja Católica Romana) ou por “apócrifos” (na terminologia protestante).

5. As traduções alemãs do século XVI e a sua influência sobre as traduções noutras línguas modernas.

Entre 1466 e 1522 foram publicadas 14 versões alemãs da Bíblia em dialectos do Sul da Alemanha (“*Oberdeutsch*”) e 4 em dialectos do Norte da Alemanha (“*Niederdeutsch*”). Tratava-se de traduções da *Vulgata Latina*, às vezes copiadas ou adaptadas de traduções existentes em manuscritos da Idade Média. A mais célebre é a “Bíblia de Mentelin” (Fig. 6), impressa em Estrasburgo em 1466 por Johannes Mentelin (1410-1478). Trata-se da

primeira a ser impressa em vernáculo. Apesar do seu preço elevado, vendeu-se muito bem. Tanto Lutero, como vários humanistas do século XVI consideraram que o texto de partida (a *Vulgata*) e o método de tradução literal foram as causas de a tradução alemã ter ficado quase incompreensível para o leitor. No entanto, o sucesso de vendas revelou que o desejo dos crentes de língua alemã de poderem ler a Bíblia na sua própria língua era enorme.

Lutero (Fig. 7) considerou de tal forma importante que houvesse uma tradução alemã que possibilitasse ao leitor perceber o verdadeiro significado dos textos bíblicos que meteu mãos à obra, logo que, em 1521, tinha deixado a Dieta de Worms, na qual tinha sido excomungado e proscrito. Estar proscrito queria dizer que qualquer pessoa que o abrigasse em sua casa era considerado um criminoso e que qualquer pessoa que o matasse ficava isento de qualquer culpa.



Fig. 6. Bíblia de Mentelin. Impressa em Estrasburgo em 1466.

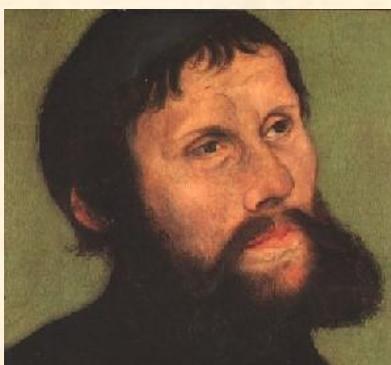


Fig. 7. Junker Jörg (nome assumido por Lutero na clandestinidade da Wartburg). Recorte de um retrato de Lucas Cranach.

Graças a um salvo-conduto do Príncipe-Eleitor Frederico da Saxónia, o Sábio, foi-lhe possível abandonar são e ileso a Dieta de Worms. Através de uma encenação de um rapto, foi conduzido secretamente à Wartburg, um castelo na Turíngia (Fig. 8).



Fig. 8. Wartburg próximo de Eisenach (Turíngia). Vista atual, depois de restauros e ampliações desde o século XIX. No tempo em que serviu de esconderijo a Lutero, estava meio arruinado e não existiam as partes mais modernas. Fotografia de Robert Scarth, 2006.

O castelo Wartburg tornou-se um local de peregrinação dos protestantes, em particular o quarto em que Lutero viveu e trabalhou (Fig. 9).



Fig. 9. "Lutherstube", o quarto de Lutero no castelo Wartburg, onde traduziu a Bíblia. Fotografia de autor suíço desconhecido, 1923.

Em 1522 publica a tradução alemã do Novo Testamento a partir do *Textus Receptus* grego (Fig. 10) e regressa em segredo a Wittenberg, onde era professor da respectiva Universidade e onde tinha afixado em 1517 as suas 95 teses.

A 1ª edição da tradução do Novo Testamento foi reimpressa passados poucos meses e teve uma circulação tão grande que se estima que, passado um ano, um terço dos alemães alfabetizados possuía um exemplar dessa tradução.

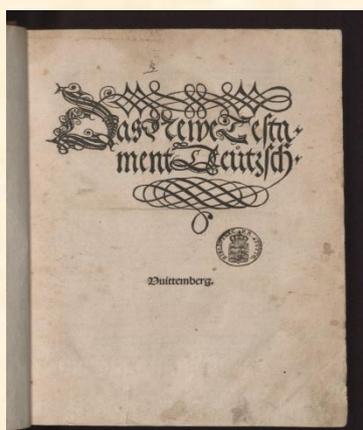


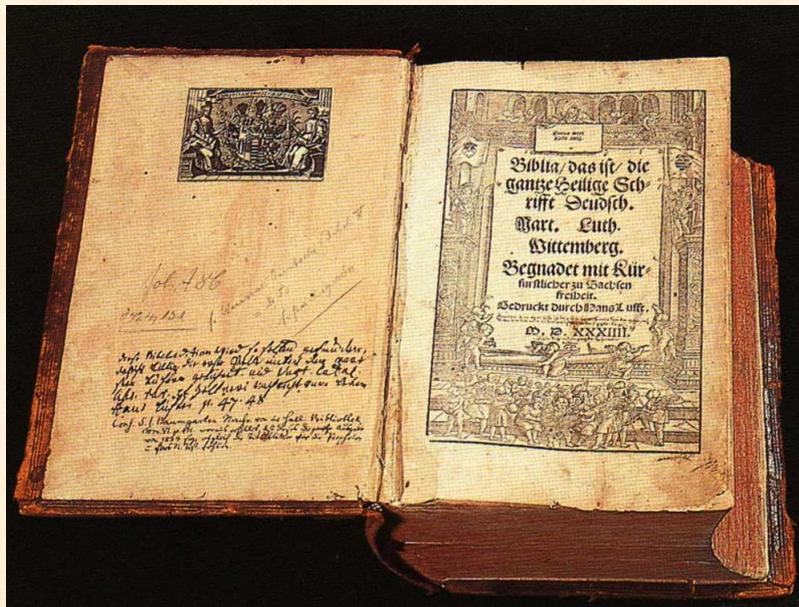
Fig. 10. Frontispício da 1ª edição da tradução por Lutero do Novo Testamento.

Em 1530 vê-se obrigado a defender-se contra ataques de que teria introduzido adulterações na sua tradução e que através desses erros teria propagado doutrinas falsas. Em sua defesa, publica em Nuremberga (Nürnberg), no mesmo ano, uma missiva (carta aberta) sobre a arte de traduzir: "Ein sendbrief D. M. Luthers. Von Dolmetzschen und Fürbit der heiligenn". Expõe uma doutrina sobre como se deve traduzir, defendendo-se contra acusações de traduzir erradamente a frase da Epístola de S. Paulo aos Romanos 3, 28 que na *Vulgata Latina* diz: "*Arbitramur hominem iustificari ex fide absque operibus legis*". ("O homem é justificado pela fé, sem as obras da lei", na tradução de J. Ferreira de Almeida). Lutero traduziu "Wir halten / dass der Mensch gerecht werde ohne des Gesetzes Werk / **allein** durch den Glauben". O seu opositor critica a inclusão do "**allein**" (só) por não figurar nem "**sola**" na *Vulgata*, nem o correspondente termo grego no original. Lutero começa, no estilo polémico próprio da época, por insultar os seus opositores como "papistas burros", perante os quais não se sentia obrigado a

justificar-se. Mas “para os amigos” explica que para remover em alemão qualquer dúvida sobre o carácter exclusivo da fé como condição da salvação da pessoa humana, era obrigado a introduzir a palavra “**allein**”. Alega e justifica que o efeito pretendido era o de clarificar o texto sem lhe mudar o sentido.²

Em 1534 Lutero publica a tradução da Bíblia completa, usando para o Antigo Testamento os textos hebraicos e aramaicos da Bíblia Hebraica, além dos livros “apócrifos” em grego (Fig. 11).

Em 1540 publica-se em Colónia e Mogúncia (Mainz) uma tradução da Bíblia por Johannes Dietenberger, em que todas as passagens da versão de Lutero que divergiam da doutrina católica da época aparecem alteradas em conformidade. Ressalvando essas passagens, não se trata duma tradução nova, uma vez que transcreve textos de traduções mais antigas, incluindo, em grande parte a do próprio Lutero. Teve uma circulação muito restrita, até porque continha um epílogo recomendando que não devia ser lida por leigos sem a devida formação.



² Na declaração conjunta de 2006 da Igreja Católica e da Federação Luterana Mundial sobre a doutrina da justificação, a Igreja Católica acabou, passados 476 anos, por dar oficialmente razão a este aspecto particular da doutrina luterana, que, no entanto, teve uma importância central na história da reforma! (http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_311_01999_cath-luth-joint-declaration_po.html). Esta declaração, apesar de ser pública tem tido muito menos divulgação do que aquela que merecia, sendo completamente ignorada pela grande maioria dos crentes de ambas as confissões.

Fig. 11. A tradução alemã da Bíblia completa por Martin Luther impressa em Wittenberg em 1534. Fotografia de Torsten Schleese, 1999.

Paralelamente ao trabalho de tradução de Lutero, Zuínglio promove em Zurique uma outra tradução da Bíblia. Em 1531, 3 anos antes da publicação da versão de Lutero, sai em Zurique do prelo a tradução da Bíblia conhecida pelo nome de Bíblia de Froschau ou Bíblia de Zurique (Fig. 12). Christoffel Froschau (1490-1564)³ começou por imprimir, em fascículos, entre 1525 e 1529, uma adaptação da tradução de Luther do Novo Testamento. A tradução do Antigo Testamento foi feita de novo e independentemente de Lutero, sob a orientação de Zwingli e do amigo Leo Jud (1482-1542), numa oficina (*workshop*) de tradução, a chamada “*Prophezey*” em que participavam obrigatoriamente todos os clérigos de Zurique. Assim chegaram a um texto consensual, impedindo deste modo o aparecimento de versões diferentes. Como as divergências entre Zuínglio e Lutero, no entanto, não puderam ser sanadas no colóquio de Marburg, em 1529, cada ramo passou a usar a “sua” Bíblia.

³ O impressor Christoffel Froschau tinha-se tornado célebre pelo acto de insubordinação ao bispo ainda católico de Zurique de convidar os amigos para uma jantarada de salchichas num dia de jejum em 1522. Esta data é considerada como o início da Reforma suíça.



Fig. 12. Frontispício da Bíblia de Zurique “Froschauer Bibel” de 1531.

Além da versão de Lutero e de Zurique, houve mais traduções alemãs feitas em moldes de rigor semelhantes: Johannes Bugenhagen, amigo e colaborador na tradução de Lutero, traduz a Bíblia, apoiado no texto de Lutero, em 1532/33 em baixo-alemão (*Plattdeutsch*). Ficou conhecida como Bíblia de Lübeck, onde foi impressa, e foi utilizada numa vasta região, não só do Norte da Alemanha, mas numa faixa que se estendia desde a região mais oriental da Holanda (Frísia) até às cidades hanseáticas bálticas (Fig. 13).

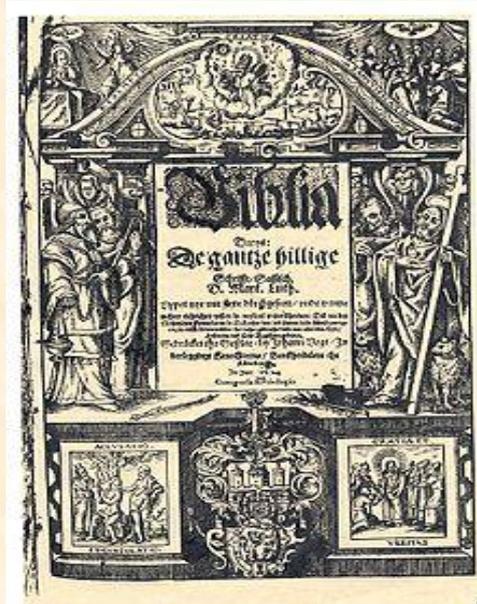


Fig. 13. Bíblia de Lübeck, tradução de Johannes Bugenhagen em baixo alemão, 1533.

A Bíblia de Lübeck serviu de protótipo às traduções sueca (1541) e dinamarquesa (1550) (Figs. 14 e 15).

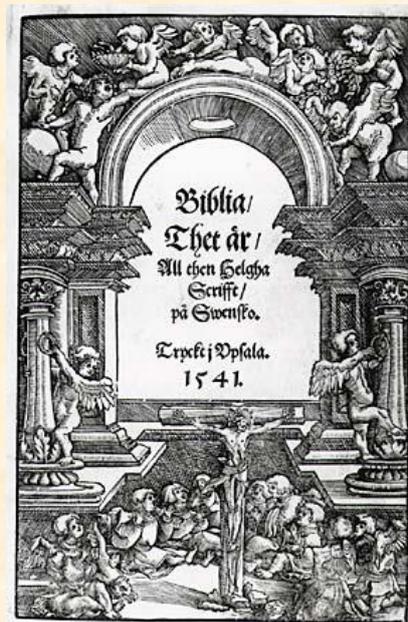


Fig. 14. Primeira tradução sueca da Bíblia, Upsala, 1541

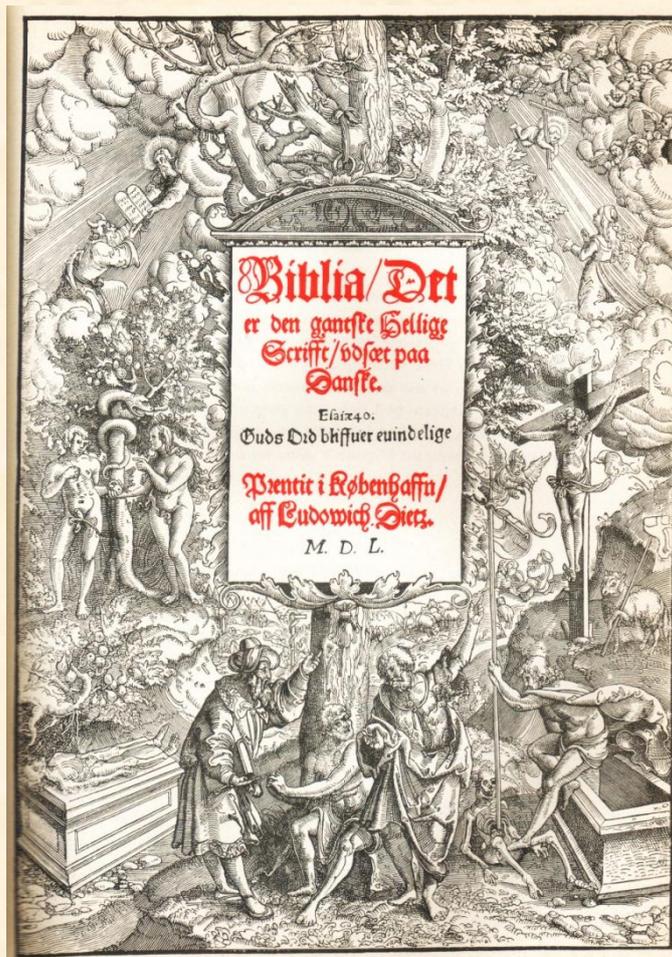


Fig. 15. Primeira tradução dinamarquesa da Bíblia, Copenhaga 1550

A tradução de Lutero teve também uma influência forte sobre a tradução inglesa datada de 1525-1526 do malgrado William Tyndale (ca. 1492-1536), impressa clandestinamente em Colónia e Worms. É provável, mas não se sabe ao certo, que Tyndale conhecesse Luther pessoalmente em Wittenberg e teria iniciado aí o seu trabalho de tradução, mas o seu amanuense William Roy esteve inscrito na Universidade de Wittenberg. A primeira impressão da tradução de Tyndale foi destruída em Colónia a mando de Johannes Cochlaeus (1479-1552), humanista e adversário de Lutero (Fig. 16). Tyndale e Roy fugiram com o texto manuscrito para Worms, onde conseguiram que fosse impresso. A violência das lutas da época deixou o seu rasto no frontispício do panfleto contra Lutero de Cochlaeus (Fig. 17) e levou a que Tyndale fosse julgado e condenado por heresia, garroteado e

queimado, em 1536, em Bruxelas. William Roy, segundo corria na altura teria sido queimado 1531 ou 1532 em Portugal.



Fig. 16. Retrato de Johannes Cochlaeus (1479-1552).



Fig. 17. Panfleto contra Lutero de Johannes Cochlaeus de 1529.

Fotografia de Bernardo Jerosch Herold de original da sua biblioteca.

6. Houve influências exteriores sobre opções linguísticas nas várias traduções? Influências mútuas de traduções em várias línguas e grupos confessionais.

Em relação a tempos tão conturbados como os do século XVI surge a dúvida acerca da independência científica dos tradutores. Teriam sido pressionados pelos poderes políticos a manipularem as traduções dos textos bíblicos de acordo com aquilo que lhes convinha? Ou cederam à tentação de manipular as traduções de acordo com o seu próprio sectarismo?

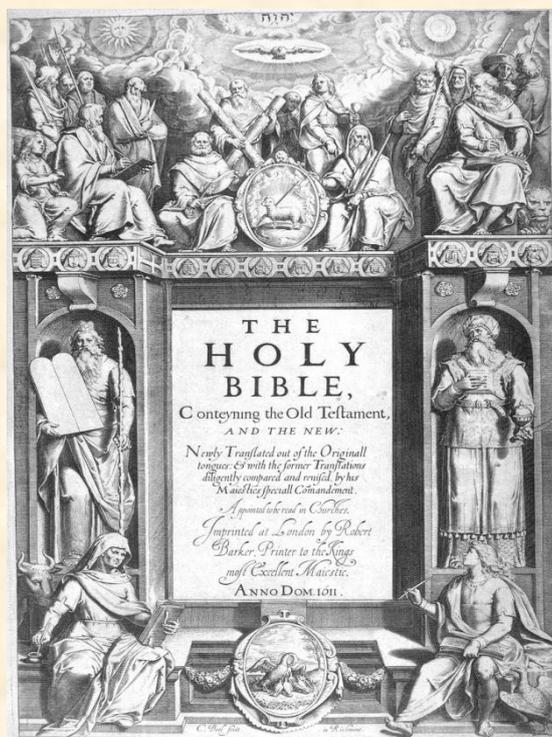


Fig. 18. Versão *King James*. Londres, 1611.

Estas perguntas surgem naturalmente a quem conhece a história da versão *King James* da Bíblia inglesa (Fig. 18). O Rei Jaime I de Inglaterra nomeou em 1604 uma comissão alargada de tradutores com a finalidade de produzir um texto inglês único que substituísse os textos divergentes da “*Bishop’s Bible*”, muito inspirada na tradução já referida de Tyndale (por sua vez influenciada pela alemã de Lutero) e a “*Geneva Bible*” de 1560 (Fig. 19), isto é a tradução de William Whittigham (1524-1579). Esta última era a preferida pela maioria dos protestantes fugidos em 1555 da perseguição por Mary Tudor, muitos deles exilados em Genebra onde foram influenciados pela reforma de Zuínglio, Calvino e do escocês John Knox (1514-1572), pastor da congregação protestante anglófona de Genebra. Entretanto, em Genebra, tinha sido impressa em 1535 a tradução francesa da Bíblia (Fig. 20) por Pierre

Robert Olivétan (1506-1538), primo de Calvino. Esta terá seguramente também influenciado Whittingham na *Geneva Bible* inglesa. Tanto os comentários à margem do texto das sucessivas edições da *Geneva Bible*, como as opções linguísticas reflectiam a teologia, o anti-episcopalismo e o republicanismo político do ramo “puritano” da Reforma. A *Bishop’s Bible*, pelo contrário, nesses aspectos era mais próxima do luteranismo.

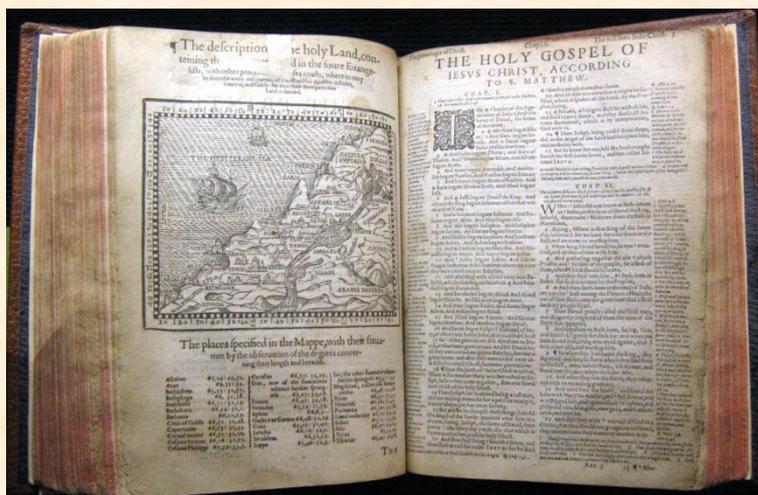


Fig. 19. *Geneva Bible*, tradução de William Whittingham (1524-1579), Genebra 1560. Distinguem-se os abundantes comentários nas margens da página.

O Rei Jaime I estava obviamente interessado em moderar os impulsos anti-monárquicos dos puritanos, e em estabelecer uma paz religiosa entre a tendência episcopal e monárquica de um lado e a tendência calvinista e republicana dos puritanos do outro. O trabalho de conciliação dos tradutores de que resultou a versão *King James* esteve portanto sujeito a um intenso campo de forças político. Apesar disso, não revela quaisquer aspectos tendenciosos, dada a prevalência de critérios linguísticos consensuais adoptados pelos numerosos membros extraordinariamente eruditos e conscienciosos que constituíram as equipas de tradução responsáveis pela versão *King James*. A outra razão de a versão *King James* não reflectir estes conflitos foi a limitação da intervenção dos tradutores através da proibição pelo Rei da inclusão de comentários.

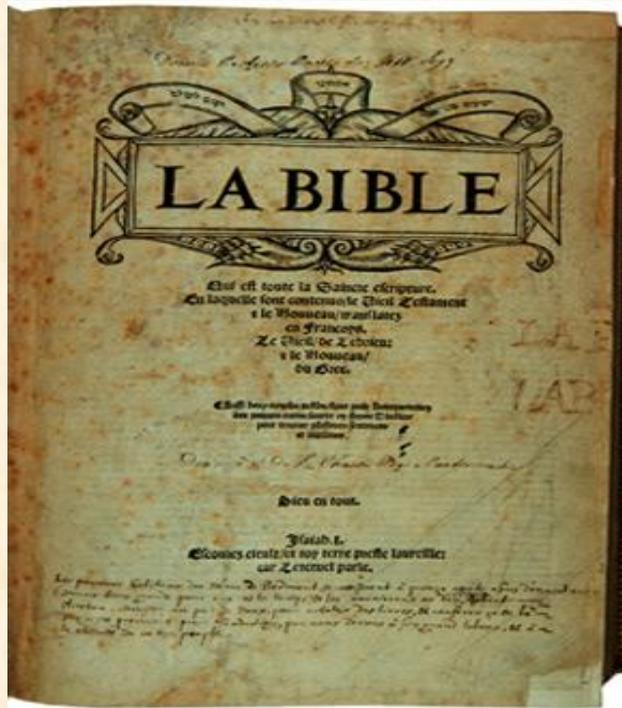


Fig. 20. Tradução francesa da Bíblia por Pierre Robert Olivétan (1506-1538),
Genebra 1535.

Em relação às versões alemãs, contrariamente às versões inglesas, não houve nenhuma premência em criar uma versão única. Como a versão alemã de Lutero e a da oficina de tradução *Prophezey* de Zurique, quase não reflectiam as divergências teológicas dos dois ramos da Reforma, que o colóquio religioso de Marburg não conseguira sanar, a discórdia manifestava-se antes nas diferenças de interpretação de textos quase idênticos. Estas foram fixadas para o luteranismo bastante cedo na confissão de Augsburg (1530), corporizada por Lutero e Philipp Melanchton (1497-1560). Esta *Confessio Augustana*, até certo ponto, pode ser vista como uma tentativa de limitar as divergências com a doutrina tradicional católica ao mínimo que lhes pareceu indispensável para persuadir a Igreja Católica a deixar de condenar os luteranos como hereges, o que não foi conseguido. A Reforma de Zuínglio foi entretanto aprofundada em Genebra por Calvino e Théodore de Bèze (1519-1605), traduzindo-se num afastamento maior ainda da doutrina, tanto da Igreja Católica, como da Luterana e numa dimensão política de combate às instituições monárquicas e eclesiais católicas. A secundarização de Lutero e até de Zuínglio pela reforma de Genebra está patente no monumento internacional em Genebra, “Mur de la Réformation” de 1909 (Fig. 21), em que

estes reformadores germanófonos apenas mereceram uns modestos epitáfios tão afastados das estátuas gigantescas de Guillaume Farel (1489-1565), Calvino, Bèze e Knox que quem passa mal neles repara.

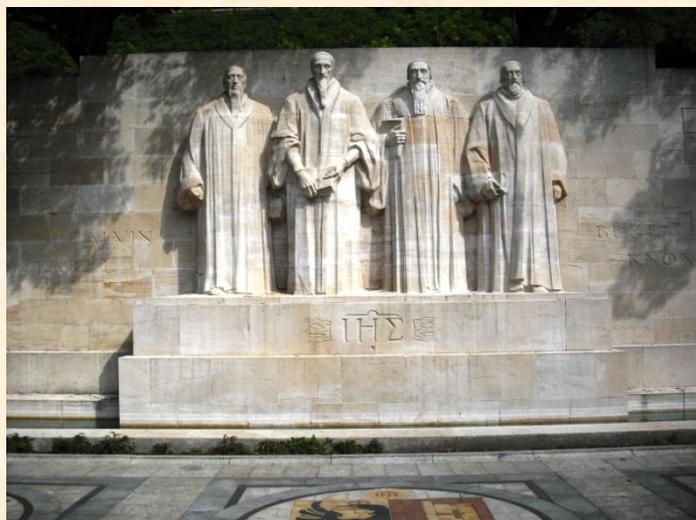


Fig. 21. Monumento Internacional da Reforma erigido em Genebra em 1909. Da esquerda para a direita: Guillaume Farel (1489 – 1565). Jean Calvin (1509-1564), Théodore de Bèze (1519 – 1605) e John Knox (1514-1572). Fotografia de Ruth Nguyen.

A diferenciação entre os dois ramos da reforma levou assim várias décadas a aprofundar-se. Os textos alemães, no entanto, nessa altura já estavam consolidados e não sofreram posteriormente alterações substanciais, particularmente os de Lutero. A diferença entre as duas versões foi a de Lutero ter conseguido exprimir-se através de uma linguagem mais poética, mais popular, mais intensa e mais musical do que a Bíblia de Zurique. Esta por sua vez reivindica para si um maior rigor linguístico à custa porém de usar um estilo mais despojado. O facto de a Bíblia de Zurique ter adoptado, quase sem alterações, a tradução do Novo Testamento já concluída anteriormente por Lutero contribuiu para que eventuais diferenças ocorressem mais no Antigo Testamento que no Novo.

Seja Lutero, sejam os tradutores de Zurique, ambos tinham em comum o desejo de regressar às origens do Cristianismo e de combaterem aquilo que consideravam serem desvios condenáveis da doutrina de Jesus Cristo praticados pela Igreja. Isso levava os tradutores a serem meticulosos, sob pena de as suas traduções serem consideradas como erróneas pelos seus

opositores. Lutero como tradutor não foi atacado pelos reformadores de Zurique, mas pelos adversários de qualquer espécie de reforma. Reagiu a esses ataques com a já mencionada missiva sobre a arte de traduzir. Esta tão bem resistiu aos temporais da história que é considerada hoje como um dos dois textos fundadores da ciência da tradução, juntamente com a Carta de S. Jerónimo a Pamáquio.

7. O papel da tradução de Lutero na emergência duma língua escrita alemã única e na consolidação duma identidade nacional e cultural.

O alemão de Lutero foi o que era usado nos documentos oficiais da chancelaria do Príncipe Eleitor da Saxónia e que podia ser facilmente entendido pelos falantes do grupo de dialetos da Alemanha Central. O mapa da distribuição geográfica dos grupos de dialetos alemães antes da eclosão da 2ª Guerra Mundial (Fig. 22) ainda reflectia *grosso modo* as áreas geográficas dos mesmos grupos no século XVI.



Fig. 22. Distribuição geográfica dos vários grupos de dialetos alemães em 1937.

O alemão da Bíblia de Zurique era próximo do dialecto alemânico falado no Sudoeste da Alemanha, na Alsácia e na Suíça Alemã (terço Oeste da zona sombreada a verde da Fig. 22). A Bíblia de Zurique, a partir de 1665 passou, no entanto, a usar o novo-alto-alemão, designado na Suíça por “*Schriftdeutsch*”, isto é, o alemão da Escritura.

O alemão da Bíblia de Lúbeck era o baixo-alemão das regiões do Norte (zona sombreada a amarelo na Fig. 22). Essa bíblia caiu em desuso e foi substituída pela Bíblia de Lutero em meados do século XVII, por as chancelarias das cortes dos príncipes e das cidades-estado terem passado a usar o novo-alto-alemão.

Apesar de não se poder subscrever toda a mitologia de Luther ter sido “o criador do alemão moderno”, há certos aspectos em que é difícil negar que a tradução de Luther desempenhou um papel importante na história da língua alemã:

Embora Lutero não tenha criado o novo-alto-alemão, a sua tradução serviu para expandir o alemão que usou e que é considerado o precursor mais imediato do chamado novo-alto-alemão. A velocidade dessa expansão pode ser avaliada pelo facto de em 1526 cerca de um terço de todos os alemães alfabetizados já possuir uma cópia do Novo Testamento traduzido por Luther e impresso em 1522, como primeiro livro que alguma vez detiveram.

O estilo de escrita de Luther tinha características muito próprias porque:

1. metamorfoseou para o alemão a dignidade e elegância própria do Latim da *Vulgata*;

2. adoptou o rigor lógico do alemão usado pelos juristas da chancelaria do Ducado da Saxónia;

3. não traduziu literalmente os textos originais, por daí resultarem textos incompreensíveis para a maioria dos leitores alemães;

4. investigou o significado dos textos de partida e procurou exprimir esse sentido num alemão tão parecido quanto possível com o falado pelo povo, claro e vigoroso (*dem Volk aufs Maul schauen*);

5. quando não conhecia nenhum termo em alemão que traduzisse exactamente um dado termo da língua original, inventava novos termos, cujo

significado era óbvio para quem os lesse pela primeira vez, enriquecendo assim o vocabulário alemão. Exemplo: *“Feuertaufe”* (baptismo pelo fogo);

6. introduziu na língua alemã frases que até aí não existiam, tal como Mt 7,6 *“Perlen vor die Säue werfen”* (deitar pérolas aos porcos), traduzidas directamente do original grego.

7. procurou tornar os textos melodiosos e ritmados, sobretudo quando percebia que no original se destinavam a ser cantados, como nos Salmos

8. usou as técnicas clássicas da retórica e poética, por exemplo, jogando com a repetição periódica da mesma vogal, como por exemplo a letra *i* em Lc 2, 12: *“Ihr werdet finden das Kind in Windeln gewickelt und in einer Krippe liegen”* (Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura).

Segundo o sociólogo das religiões Max Weber, Luther às vezes induziu certos comportamentos sociais, através da selecção de um dado vocábulo usado na tradução da Bíblia. Segundo Weber, a decisão de usar a palavra *“Beruf”* dentro das várias possibilidades existentes em alemão para traduzir “profissão” teve, dada a proximidade do vocábulo *“Berufung”*, que significa “vocação” ou “chamamento”, uma influência importante sobre a atitude dos protestantes alemães perante o exercício duma profissão. Enquanto noutras línguas, só certas profissões se exercem “por vocação”, para os protestantes germanófonos, a ideia de vocação ficou inseparável do exercício de qualquer tipo de atividade profissional, incluindo, por exemplo mesmo as artes mecânicas.

Outro exemplo, que possivelmente moldou e diferenciou o luteranismo, resultou de Lutero ter de optar em alemão pela única tradução possível de qualquer dos dois termos gregos *“ágape”* e *“eros”* que é *“Liebe”*, enquanto que nas línguas românicas se pode diferenciar “caridade” no primeiro caso e “amor” no segundo. Assim em I Cor13,13 Luther teve de usar *“Liebe”*, onde em português se usa “caridade”. Em inglês Tyndale usou a palavra *“love”*, mas a versão King James usa *“charity”* um termo erudito que

não fazia parte do vocabulário popular da época. Será por essa razão que, para muitos ingleses, o valor afectivo de “*ágape*” tivesse ficado oculto? Talvez seja essa a razão de ter aparecido a expressão muito usada em inglês “*cold as charity*”. “*Cold as love*” seria uma contradição em si mesmo.

8. Desenvolvimentos das traduções bíblicas desde o Século XIX até ao presente.

Até ao início do século XIX poucas alterações houve às traduções alemãs da Bíblia referidas. Entretanto surgiram inúmeras novas traduções e revisões das que já existiam que foram consequência dos seguintes factores:

- Desenvolvimento da filologia e da crítica textual
- Desenvolvimento do método de crítica histórica
- Desenvolvimento da exegese
- Descoberta de novos manuscritos (por exemplo os Manuscritos do Mar Morto)
- Maior interação entre exegetas das diferentes confissões cristãs e das outras religiões monoteístas
- Desenvolvimento dos movimentos ecuménicos e do diálogo inter-religioso
- Aparecimento de mais traduções católicas, na sequência do Concílio Vaticano II
- Aparecimento de traduções “comunicativas” em linguagem mais moderna
- Revisões sucessivas das versões do século XVI

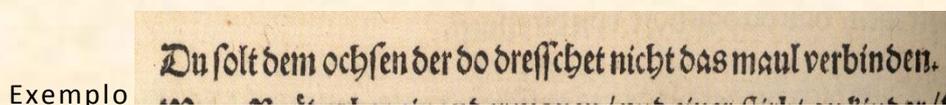
Extravasaria o âmbito desta palestra, relatar em pormenor estes desenvolvimentos. Assim se apresentará apenas uma enumeração das versões alemãs mais utilizadas das 34 que existem presentemente no comércio livreiro:

- Revisão de 1984 da Bíblia de Lutero, versão recomendada pela Igreja Evangélica na Alemanha EKD (Federação das 22 Igrejas Estaduais Luteranas, Reformadas e “Unidas”)

- Tradução “unificada” *Einheitsübersetzung* da iniciativa da Conferência Episcopal Alemã DBK (Católica). Chama-se “unificada” para valer para todas as dioceses na Alemanha. Procurou-se ampliar o significado de “unificada” a “ecuménica”. Na tradução do Novo Testamento e dos Salmos colaboraram delegados da EKD. A tradução da restante Bíblia, no entanto, não beneficiou da colaboração da EKD que abandonou o projecto por efeito da emissão no ano de 2001 das instruções “*De Usu Linguarum Popularium in Libris Liturgiae Romanae Edendis, Instructio Quinta «Ad Exsecutionem Constitutionis Concilii Vaticani Secundi de Sacra Liturgia Recte Ordinandam»*”
- *Gute Nachricht Bibel* (Bíblia Boa Nova): Bíblia “comunicativa” elaborada e editada em comum pelas sociedades editoras evangélica e católica em linguagem acessível
- Revisão de 2007 da Bíblia de Zurique com especial preocupação de correção filológica.
- Revisão de 1991 da Bíblia de Elberfeld da editora Brockhaus. Rigor filológico máximo, útil para ajudar os estudantes e investigadores na tradução dos textos hebraicos, aramaicos e gregos originais.

Merece uma menção especial a tradução alemã da Bíblia Hebraica por Martin Buber (1878-1965) e Franz Rosenzweig (1886-1929). Buber e Rosenzweig foram filósofos judeus da religião. A tradução com o título “*Die Schrift*” (1926-1938) procurou, mesmo arriscando criar novas expressões em alemão e por meio da versificação dos textos, aproximar a versão alemã da emotividade, musicalidade e do espírito dos textos originais. É considerada como uma contribuição importante para o diálogo inter-religioso judaico-cristão.

9. Epílogo: Por muito correctamente que se traduza, nem todas as imagens na Bíblia são fáceis de interpretar por um cidadão urbano do século XXI:



Na tradução de J. Ferreira de Almeida desta passagem e de outras relacionadas lê-se:

Deuteronómio 25, 4: Não atarás a boca ao boi, quando trilhar.

1 Timóteo 5, 18: Porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi que debulha., e: Digno é o obreiro do seu salário.

Lc 10, 7: ... pois digno é o obreiro do seu salário

A reivindicação bíblica “Não atarás a boca ao boi, quando trilhar” hoje seria demasiado críptica para um cartaz empunhado numa manifestação sindical como exigência “de um salário justo para quem trabalha”.

Para grande surpresa do palestrante, duas senhoras idosas na assistência, que tinham sido criadas numa aldeia do Norte, pediram a palavra para afirmarem que o significado da passagem lhes era perfeitamente evidente, porque a imagem duma parelha de bois a trilhar o trigo era uma recordação muito viva da sua infância e o atar as bocas aos bois para não comerem o trigo também. Para uma pessoa criada numa grande urbe, torna-se às vezes difícil compreender as imagens que têm a sua origem num mundo rural cada vez mais arcaico.

10. Conclusões:

Nas versões alemãs da Bíblia destaca-se a versão de Lutero pelas consequências para a história da Reforma protestante, pela influência sobre o desenvolvimento da língua alemã moderna e pela qualidade poética da linguagem que deixou uma marca indelével na literatura e mesmo no alemão coloquial. A grande expansão e a qualidade da versão de Lutero fez com que fosse usado, além das suas funções litúrgicas, também em elevado grau na devoção doméstica e na leitura individual. Muitas citações tornaram-se proverbiais, ao ponto de se tornarem insubstituíveis. Nas revisões modernas tem-se procurado por isso um compromisso entre a perfeição filológica e o vigor e beleza do original luterano.

Agradecimentos:

O autor agradece à Professora Doutora Teresa Maria Menano Seruya, moderadora da sessão em que a palestra foi apresentada, tê-lo encorajado a prepará-la. Os seus comentários enriqueceram o texto que agora apresenta. Ao Pastor Stefan Stalling da Igreja Evangélica Alemã agradece as informações sobre as edições actualmente disponíveis no comércio livreiro de versões alemãs da Bíblia e as respectivas características.

Anexo I

Tábua cronológica da Reforma e das traduções protestantes da Bíblia

	Reforma Luterana Wittenberg	Reforma de Zwingli Zurique	Reforma Calvinista Genebra	Reforma Escocesa Edimburgo	Reforma Anglicana Londres, Cantuária
1517	Afixação das 95 teses por Lutero em Wittenberg				
1521	Dieta imperial de Worms, excomunhão de Lutero pelo Papa Leão X e proscrição pelo imperador Carlos V				
1522	Escondido no castelo de Wartburg traduz do Grego o Novo Testamento	Início da reforma de Zurique Zuínglio			
1524		Publicação em Zurique duma versão alemã do Novo			

		Testamento quase idêntica à de Lutero			
1526				Publicação em Worms da tradução inglesa do Novo Testamento por Tyndale	
1529	Colóquio de Marburg, Lutero e Zuínglio discordam sobre a doutrina da Santa Ceia: Lutero mantém a presença real de Cristo enquanto Zuínglio atribui à celebração um significado meramente metafórico				
1529-1531		Publicação da Bíblia de Zurique em alemão			
1534	Publicação em Wittemberg da tradução alemã da Bíblia por Lutero				
1535			Publicação em Genebra da tradução francesa da Bíblia por Pierre Robert Olivétan		
1536			Publicação por Calvino em Basileia de <i>Institutio Christianae religionis</i> . Primeira estada em Genebra		
1537				"Matthew Bible" Tyndale e Coverdale, Países Baixos	
1541			Regresso de Calvino a Genebra e início da reforma de Genebra		
1542				Mary Queen of Scots	
1551		Consenso de Zurique, <i>Consensus Tigurinus</i> sobre doutrina da Santa Ceia. Calvino convence Zuínglio a			

		uma tese menos radical, embora distinta de Lutero	
1553			Mary Tudor "Bloody Mary"
1555		Exilados protestantes ingleses e escoceses encontram asilo em Genebra e fundam a sua própria igreja reformada. John Knox	Matança de 283 protestantes, na maioria na fogueira, condenados por heresia
1558			Elizabeth I <i>Protestant settlement</i>
1560		Tradução inglesa nova: <i>Geneva Bible</i> , publicada em Genebra	
1561		Parlamento escocês estabelece a <i>Kirk</i> , igreja reformada da Escócia de estrutura presbiterial	
1567		Jaime VI, sem controle sobre 4 regentes sucessivos	
1583		Jaime VI assume controle do governo da Escócia	
1603		União das coroas de Inglaterra e Escócia, Jaime I da Inglaterra e VI da Escócia	
1611		Publicada a " <i>King James Version</i> "	

Anexo II

Créditos das imagens:

As seguintes imagens foram descarregadas da internet e são, ou do domínio público (DP), ou governadas por regras de licenciamento que permitem a sua descarga, cópia e divulgação. Nos casos em que foi possível identificar daqueles autores das imagens que resolveram ceder os seus direitos intelectuais, os mesmos são citados nas legendas das imagens. Na lista seguinte estão as indicações necessárias e suficientes para as descarregar (estado relativo à data de 2012-11-18).

Domínio público:

Fig. 1 Lxx Minorprophets.gif

Fig.2 Wulfila_bibel.jpg

Fig. 3 Dürer-Hieronymus-im-Gehäus.jpg

Fig. 4 ErasumsDurer.jpg

Fig. 5 ErasmusText_TitlePage.jpg

Fig. 6 Mentelin_Bible_00005.jpg

Fig. 7 CranachLutherJunkerJorg.jpg

Fig. 9 WartburgLutherstube1900.jpg

- Fig. 10 Luther_Das_Newe_Testament_Deutsch_007.jpg
 Fig. 11 Lutherbibel.jpg
 Fig. 12 hanskfroschauer.com/2008/11/500-years-of-graphic-production/
 Fig. 13 LubeckBible1533.jpg
 Fig. 14 Gustav_Vasa_Bible_1541.jpg
 Fig. 15 Bible_of_Christian_III_1550.jpg
 Fig. 16 Johannes-Cochlaeus.jpg
 Fig. 18 KJV-King-James-Version-Bible-first-edition-title-page-1611.jpg
 Fig. 20 theologynetwork.org/Images/content/thumbnails/Olivetan_Bible.jpg
 Fig. 21 ReformationWallGeneva.JPG

Outras licenças:

- Fig. 8 Wartburg_Eisenach_DSCN3512.jpg Creative Commons license
 Fig. 19 GenevaBible.JPG GNU General Public License
 Fig. 22
 upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/00/Deutsche_Mundarten.png

Fotografias do autor:

- Fig. 17 Fotografia de Bernardo Jerosch Herold
 Texto “Du solt dem ochsen der do dresschet nicht das maul verbinden”
 facsimile da 1ª edição da Bíblia de Luther, Wittenberg 1534; fotografia de
 Bernardo Jerosch Herold tirada da reimpressão facsimile integral pela editora
 Taschen (sem data).

Resumo: Apresentam-se as várias traduções alemãs da Bíblia e a sua génese ao longo da história. Mencionam-se primeiramente os textos manuscritos e as versões gregas, latinas, góticas, vetero-inglesas e alemãs existentes antes do século XV. Seguidamente mostra-se o papel da Reforma Protestante da Igreja no século XVI e a importância da invenção da imprensa de tipos móveis, como razões para a criação de novas traduções. Descrevem-se os textos que serviram de base a essas traduções, nomeadamente os textos masoréticos da Bíblia Hebraica e em parte os da *Septuaginta* para o Antigo Testamento e a edição crítica do *Textus Receptus* por Erasmo de Roterdão para o Novo Testamento. Relatam-se os trabalhos de tradução de Lutero e da escola de Zurique nos respectivos contextos da História da Reforma, bem como o papel da tradução de Lutero como modelo para outras línguas de países da Reforma Luterana. Comparam-se as versões alemãs entre si e com as noutras línguas de países da Reforma Calvinista. Analisam-se as consequências da versão alemã de Lutero sobre o desenvolvimento duma identidade nacional. Enumeram-se as principais traduções alemãs usadas atualmente, bem como as suas características principais.

Palavras-chave: Bíblia, alemão, tradução, história.

Abstract: The German versions of the Bible in comparison. Abstract: The various German translations of the Bible and their genesis along the history are presented. In the first place are mentioned the manuscripts and the Greek, Latin, Gothic, ancient English and German versions existing before the 15th Century. This is followed by an explanation of the role played by the Protestant Reformation of the Church in the 16th Century and the invention of printing with movable characters as

reasons for the creation of new translations. The texts which were used in the translations are described, namely the masoretic text of the Hebrew Bible and some of the *Septuaginta* for the Old Testament and the critical edition by Erasmus of Rotterdam of the *Textus Receptus* for the New Testament. The translating work of Luther and the Zurich workshop and their respective context within the History of the Reformation are reported, as well as the importance of Luther's translation as a model for the translation in other languages of countries, which followed the Lutheran Reformation. The German versions are compared with each other and with versions in other languages of countries following the Calvinist Reformation. The consequences of Luther's version on the development of a German National identity are analysed. The main German translations presently used are quoted and briefly characterized.

Key words: Bible, German, translation, history.